

## Obstáculos e estratégias na prática docente no Programa Idiomas Sem Fronteiras

### Obstacles and strategies in the teaching practice at the Language without Borders Program

Gibran Alves Ayub\*  
Vanessa Zaniol\*\*

**RESUMO:** Devido às nossas experiências como professores-bolsistas do Programa Idiomas sem Fronteiras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, percebemos a necessidade de escrever sobre os obstáculos que observamos em nossa trajetória no programa e algumas possíveis soluções para enfrentá-los. Dessa maneira, o objetivo deste trabalho é relatar a experiência de dois professores-bolsistas, focando nos obstáculos relacionados à evasão nos cursos e à dificuldade no planejamento e na realização de atividades em sala de aula, e descrever algumas estratégias para enfrentar estes obstáculos, como: docência compartilhada, incentivo à internacionalização da universidade brasileira e discussão de temas pertinentes à agenda cultural. Concluímos, então, que é necessário que haja uma inovação constante no ensino de língua adicional visando aos benefícios destas práticas para ambos, docentes e discentes. O *co-teaching*, a discussão de temas relacionados a diferenças culturais e a promoção da internacionalização da universidade são apenas alguns exemplos de estratégias, mas podem auxiliar os educadores que estão na busca por ferramentas a serem utilizadas em suas práticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Idiomas sem Fronteiras 1. Co-teaching 2. Internacionalização 3. Ensino 4. Inglês 5.

**ABSTRACT:** Due to our experiences as grantee teachers at the Languages without Borders Program at Federal University of Rio Grande do Sul, we perceived the need to write about the obstacles we observe throughout our careers at the program, as well as some possible solutions for these obstacles. Therefore, the aim of this paper is to report the experience of two grantee teachers, focusing on the obstacles related to student's dropouts from the courses and the difficulties on planning and executing classroom activities. We also intend to describe some strategies in order to face these obstacles, such as co-teaching, encouragement of the internationalization of Brazilian universities and discussions of culturally relevant themes in the classroom. Our conclusion is that it is necessary to have a constant process of innovation on additional languages teaching while aiming at the benefits that those practices can bring to both teachers and students. Co-teaching, discussion on culture-related themes and the promotion of the internationalization of higher education in Brazil are just a few examples of classroom strategies, but they can surely auxiliare teachers who are looking for new tools to use in their practices.

**KEYWORDS:** Languages without Borders 1. Co-teaching 2. Internationalization 3. Teaching 4. English 5.

\* Aluno do quinto semestre do curso de Letras - Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor do Programa Idiomas sem Fronteiras no NuLi da mesma universidade. Email: [gibran.a.ayub@gmail.com](mailto:gibran.a.ayub@gmail.com).

\*\* Graduada em Letras - Licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora do Programa Idiomas sem Fronteiras no NuLi da mesma universidade. Email: [vanessazaniol@gmail.com](mailto:vanessazaniol@gmail.com)

## 1. Introdução

O Idiomas sem Fronteiras (IsF) é um programa promovido pelo MEC e pela CAPES que tem como principal objetivo incentivar ações em prol da internacionalização da universidade brasileira através da oferta de testes de nivelamento e proficiência e de cursos presenciais e *online* de idiomas em universidades cadastradas como Núcleos de Línguas (NucLi) do programa. Além disso, o IsF valoriza a formação inicial e continuada de professores de línguas adicionais<sup>1</sup> (tais como inglês, espanhol, alemão, francês, entre outras) através de eventos, reuniões pedagógicas semanais e planejamento/oferta de cursos voltados ao ensino de língua para fins acadêmicos e gerais.

Neste relato de experiência, temos como objetivo apresentar a experiência de dois professores-bolsistas que, ao atuarem no programa, se deparam com obstáculos e elaboram estratégias variadas para enfrentá-los. Ambos os professores estão envolvidos com o curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sendo que um dos bolsistas já finalizou o curso e o outro ainda está na graduação. A necessidade de escrever sobre este tema surgiu de um fenômeno que estava sendo observado por praticamente todos os professores do NucLi UFRGS e de outros NucLis do Brasil: a evasão dos alunos e a necessidade de auxílio no planejamento das aulas e na elaboração de materiais para os cursos. Estruturamos este relato de experiência de maneira linear, primeiramente apresentando uma contextualização sobre o programa e os obstáculos percebidos pelos professores-bolsistas; logo depois apresentamos possíveis estratégias para enfrentar estes obstáculos e por fim fazemos um breve relato de experiência seguido de uma reflexão e considerações finais.

## 2. Obstáculos enfrentados nos cursos do IsF

Alguns obstáculos se apresentam na prática diária dos professores-bolsistas do Programa Idiomas sem Fronteiras. Com base nas experiências dos autores, ressaltamos aqui dois desses obstáculos: o primeiro deles é a dificuldade enfrentada pelos professores que ainda estão na graduação no que diz respeito ao preparo de material didático a ser aplicado nas aulas do programa; e o segundo, os altos índices de evasão por parte dos alunos nos

---

<sup>1</sup> Optamos, aqui, por evitar a perspectiva de uma língua *estrangeira* (uma língua, portanto, “estranha”). Em vez disso, priorizamos a nomenclatura de língua *adicional*, que se *adiciona* ao repertório de nossos alunos e “permite às pessoas a possibilidade de alargamento das oportunidades de participação em uma maior gama de eventos interacionais” (ABELED0; FORTES; GARCEZ; SCHLATTER, 2014, p. 134).

cursos do programa, o que por vezes pode limitar as atividades propostas pelos professores em sala de aula, que não raro chegam ao fim de seus cursos com menos da metade de alunos inicialmente inscritos.

Sabe-se que, em geral, é no IsF que os professores-bolsistas têm suas primeiras experiências docentes, uma vez que muitos ainda cursam a graduação em Letras - Licenciatura em Inglês - enquanto trabalham no programa (VIAL, 2017, p. 21). Nesse cenário, Welp, Fontes e Sarmiento (2016, p. 137-138) consideram que o IsF “também se configura como um programa de formação de professores” e que é nas aulas do programa que “os professores em formação têm a chance de aplicar, questionar e transformar aquilo que é aprendido nas aulas da graduação e nos encontros de formação do NuLi”. Contudo, ao mesmo tempo que esse aspecto do programa se mostra como uma valiosa oportunidade para os professores-bolsistas, também pode atuar como um fator de insegurança para eles, que, por inexperiência ou incerteza quanto às próprias práticas pedagógicas, podem ver na sua condição de graduandos um obstáculo para sua atuação no IsF.

No caso específico da UFRGS, da forma como o currículo do curso está organizado, os alunos de Letras - Licenciatura só entram em contato com as disciplinas de didática e com os estágios e as observações de aula da metade para o final do curso. Dessa forma, um professor-bolsista do programa que se encontra, por exemplo, em seu segundo ano de graduação, como é o caso de um dos autores deste relato, pode encontrar dificuldades no processo de elaboração de materiais didáticos e na própria ministração de suas aulas. Esse é um obstáculo cuja solução, geralmente, se encontra nos encontros semanais de formação pedagógica do NuLi, entendidos como “centralizadores das experiências vividas pelos professores-bolsistas ao longo da semana e como forma de compartilhar com os seus colegas, estudar, discutir e aprofundar os conhecimentos necessários para atuar como educadores” (VIAL, 2017, p. 26-27). Mesmo assim, esse sentimento de insegurança pode acompanhar um professor até a sala de aula, onde, desacompanhado, ele não contará com a rede de apoio de seus colegas.

Outro obstáculo que se impõe aos professores do IsF é a evasão dos alunos. Em uma pesquisa que buscava investigar o funcionamento dos cursos do IsF, Silva (2018, p. 50) constatou, através de um questionário enviado aos coordenadores do programa, que 70% dos professores indicaram ter tido dificuldades com a evasão dos alunos, percebida, então, como “um problema recorrente nos NuLi”. Essa questão pode se apresentar como um entrave na

prática docente na medida em que, por exemplo, acaba limitando o que um professor pode fazer em sala de aula, para um número de alunos muitas vezes bem menor do que o levado em conta em seus planejamentos iniciais.

A evasão é, assim, um dos pontos frequentemente levantados nas reuniões de formação pedagógica do NuLi da UFRGS; os professores debatem acerca da questão, trocam relatos de suas próprias experiências com alunos que se evadiram dos seus cursos, procuram apontar ações que possam ser tomadas a fim de combater essa evasão, mas tal problema parece ser particularmente difícil de ser resolvido. Ainda que haja um esforço coletivo dos professores-bolsistas em preparar aulas de qualidade e elaborar tarefas pedagógicas que engajem os alunos, parece ser inevitável chegar ao final de um curso com bem menos alunos do que no início. Isso se deve, principalmente, a fatores que fogem do controle dos professores: os próprios alunos do IsF frequentemente relatam que acabam evadindo ao precisarem priorizar suas obrigações para com a universidade, por exemplo.

Em tal contexto, observa-se a mobilização autônoma dos professores-bolsistas no sentido de traçar estratégias para combater ou contornar, na medida do possível, esses obstáculos. Nesse contexto, a prática de *co-teaching* surge como uma dessas estratégias: ter-se dois professores em sala de aula, talvez juntando os alunos de duas turmas, pode funcionar para se combater, ao mesmo tempo, a evasão dos alunos nos cursos do IsF e a insegurança de professores menos experientes. Adiante, buscaremos elucidar como essa prática se encaixa no contexto do IsF e relatar como se deu essa experiência no NuLi UFRGS.

### **3. Metodologia**

A metodologia utilizada para a coleta de dados do relato empregou uma abordagem de cunho qualitativo, pois se preocupa “com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32), nesse caso, a sala de aula.

### **4. Estratégias para combater os obstáculos e os benefícios do ensino colaborativo**

Com base na constatação desses obstáculos no andamento do Programa Idiomas sem Fronteiras, avaliamos que é necessário que sejam elaboradas estratégias para encará-los e

combatê-los. Nesta seção iremos explorar possíveis estratégias que podem ser aplicadas não apenas no Programa Idiomas sem Fronteiras, mas também em escolas e outras instituições que incentivem a formação continuada de professores. Serão discutidas estratégias relacionadas ao ensino colaborativo, à participação dos *English Teaching Assistants* (ETAs) no programa e a discussões importantes para a agenda cultural. Além disso, nesta seção abordaremos também os autores e obras que nos inspiraram para escrever sobre este tema.

Nóvoa (2009, p. 31) menciona cinco disposições que ele define como “essenciais à definição dos professores nos dias de hoje”. Segundo o autor, estas definições agem como um pretexto para a elaboração de propostas sobre a formação de professores. Se utilizadas de modo coerente, estas propostas podem inspirar uma renovação de programas como o Idiomas sem Fronteiras e outras práticas de formação de professores. As disposições mencionadas pelo autor são: o conhecimento, a cultura profissional, o tato pedagógico, o trabalho em equipe e o compromisso social. Por ora, focaremos nas duas últimas. O autor, ao discorrer sobre o trabalho em equipe, menciona que:

A formação de professores deve valorizar o trabalho em equipa e o exercício colectivo da profissão, reforçando a importância dos projectos educativos de escola. A emergência do professor colectivo (do professor como colectivo) é uma das principais realidades do início do século XXI. (NÓVOA, 2009, p. 40)

O autor ainda acrescenta que o exercício da docência está organizado em torno de “comunidades de prática”, não apenas em escolas regulares, como também em movimentos pedagógicos que “vão para além das fronteiras organizacionais” (NÓVOA, 2009, p. 31). De acordo com o autor, esta concepção da atuação em conjunto já é observada em profissões que atuam no ramo da saúde, engenharia e advocacia, mas até então não havia sido verificado consolidadamente no ensino. A partir deste entendimento, elaboramos nossa primeira estratégia para combater a evasão e a dificuldade no preparo de material didático testemunhadas pelos NucLi: a docência compartilhada, também conhecida como *co-teaching*. Ainda que durante a graduação, no estágio de docência obrigatório, os alunos de Letras da UFRGS tenham a possibilidade de atuar em conjunto na sala de aula, a dimensão da importância dessa prática pode não ficar evidente.

Durante o período de atuação conjunta dos professores-bolsistas no programa, foi possível verificar diversos benefícios para ambos os docentes e os alunos. Alguns exemplos

de benefícios observados pelos docentes durante essa prática foram: o planejamento conjunto de atividades a serem aplicadas; o auxílio durante a realização das atividades; possibilidade de atendimento personalizado para uma maior quantidade de alunos; a troca de conhecimento por ambas as partes, tanto em relação às experiências anteriores do bolsista graduado, quando em relação às novas práticas do bolsista ainda em formação; promoção de um sentimento de maior segurança ao professor menos experiente por contar com a presença de um mais experiente; entre outros. Acreditamos que, além da troca vantajosa entre os docentes, esta prática pode combater a evasão dos alunos, visto que o aluno pode se beneficiar ao receber uma atenção personalizada dos professores-bolsistas, observar uma diversidade de práticas e metodologias durante a atuação e entrar em contato com uma turma diferente da que estava acostumado, permitindo uma nova troca de conhecimentos e novas experiências.

Segundo Nóvoa (2009), a docência de maneira coletiva pode ser praticada não apenas no plano do conhecimento, como também no plano da ética. Isto é, quando o professor se depara com um conjunto de dilemas que podem estar relacionados com diferenças culturais e conflitos de valores, e que diversas vezes não são solucionados com uma resposta feita, é importante que seja assumida uma ética profissional construída no diálogo com seus pares. No Programa IsF não são raros os momentos em que esses dilemas relacionados com diferenças culturais e dilemas morais são discutidos, e o diálogo entre os professores-bolsistas para que tais questões sejam discutidas adequadamente é essencial. Dessa forma, é imprescindível que haja uma reflexão sobre questões que envolvam o exercício profissional coletivo e que se apoie cada vez menos no individualismo.

Outra estratégia eficiente observada pelos professores-bolsistas é a parceria com os *English Teaching Assistants* (Assistentes de Ensino de Língua Inglesa) da *Fulbright* durante a prática docente. A *Fulbright* é um programa de intercâmbio educacional e cultural que promove ações cujo objetivo é ampliar o entendimento entre os Estados Unidos e outros países. Uma das bolsas oferecidas pelo programa é de *English Teaching Assistant* (ETA), a qual tem como intuito complementar o ensino da língua inglesa em universidades e propiciar a presença de falantes nativos nas salas de aula. Neste ano a UFRGS acolheu quatro ETAs norte-americanos que trabalharam com a equipe do IsF no planejamento de atividades, no aperfeiçoamento de material didático, na organização de eventos, como palestras, *workshops*, noites de jogos e clubes de conversas, entre outras trocas culturais imensuravelmente vantajosas para todas as partes envolvidas no processo.

Essa parceria, além de ser vantajosa para os docentes e para as coordenadoras do Nucli UFRGS pelos motivos mencionados previamente, também foi constatada como benéfica para os alunos dos cursos do programa. Os alunos tiveram a chance de trabalhar com os ETAs durante o período de estadia no Brasil, seja praticando a compreensão e produção oral através de conversas formais e informais durante as aulas e eventos promovidos pelos bolsistas da *Fulbright*, seja recebendo assistência personalizada nas produções escritas. Foi possível observar um engajamento dos alunos durante essas práticas, visto que o uso da língua pôde transcorrer de maneira natural e autêntica. Além disso, o material didático utilizado em sala de aula produzido em conjunto com os ETAs também pôde receber uma atenção redobrada e reforçar a autenticidade, visto que as produções orais ou textuais elaboradas pelos ETAs foram utilizadas em sala de aula.

Além dos benefícios relacionados com elaboração de material didático e trocas experienciadas pelos alunos, essa parceria também contribui com a internacionalização da universidade brasileira, um dos pilares do Programa IsF. A internacionalização, além de envolver trocas políticas, culturais e econômicas entre nações, também está intrinsecamente relacionada com língua(gem). Esses movimentos que envolvem língua(gem) e resultam na internacionalização da universidade podem vir a revelar um universo de crenças e necessidades da comunidade acadêmica (DIDIO, 2018, p. 12). O movimento de internacionalização da universidade brasileira, juntamente com o acolhimento dos bolsistas ETAs no Programa IsF evidenciou a necessidade de diversificar as práticas docentes, visto que a participação dos ETAs no programa se mostrou tão vantajosa.

Nóvoa (2009), quando escreve sobre as disposições que são essenciais à definição dos professores atualmente, menciona o compromisso social, ou seja, movimentos relacionados com princípios, valores, inclusão social e diversidade cultural na sociedade. O autor menciona que é imprescindível que as práticas educacionais extrapolem o espaço tradicional de aprendizado, a da sala de aula, e se movimentem para além desse espaço, comunicando-se com o público e ultrapassando as fronteiras relacionadas com possíveis diferenças culturais. Ao investir em práticas como parcerias entre as universidades brasileiras e universidades estrangeiras, e discutir temas que envolvem diferenças culturais, a UFRGS tem promovido e incentivado a internacionalização da universidade brasileira.

## 5. Relato

Esta seção tem como objetivo relatar as práticas docentes que ocorreram durante o primeiro semestre de 2018 e que tiveram como norte a docência compartilhada, a participação dos ETAs no planejamento e realização de atividades e a discussão sobre temas relacionados a diferenças culturais. Para tanto, faremos o relato de duas aulas que ocorreram nesse período, no curso Interações Cotidianas em Língua Inglesa, de nível básico (nível A1, segundo o Quadro Comum Europeu) com enfoque em inglês geral.

A primeira aula aqui relatada girou em torno da temática do Quatro de Julho, o Dia da Independência dos Estados Unidos. A ideia de ministrar uma aula assim veio de um dos autores deste relato, por diversos motivos: além da óbvia relação entre o assunto e a preocupação do IsF em promover a internacionalização e o debate acerca de questões interculturais, a data da aula cairia justamente no dia quatro de julho, e, portanto, a independência norte-americana estaria em voga nos meios de comunicação. Assim, tinha-se o objetivo de proporcionar aos alunos uma aula que discutisse um tema atual e relevante e, dessa forma, mantê-los motivados e engajados. Em conversa pessoal, os autores então tiveram a ideia de unir suas duas turmas – já afetadas pela evasão discente – e ministrar essa aula em conjunto, uma vez que lecionavam o mesmo curso, para o mesmo nível de proficiência, no mesmo dia e horário, no mesmo prédio da universidade. Após cada professor propor a ideia para a sua respectiva turma, combinou-se que a aula seguinte seria em conjunto, unindo-se as duas turmas em uma mesma sala, contando ainda com a presença de um ETA.

No início da aula, os alunos e o professor de uma turma se apresentaram para os da outra, um momento oportuno para que os alunos praticassem, em contexto mais real, saudações e apresentações pessoais em inglês, um dos conteúdos trabalhados no curso. Em um primeiro momento, os dois professores conduziram uma atividade de *warm-up*, isto é, uma atividade de “aquecimento” para mobilizar conhecimentos prévios dos alunos a respeito do Quatro de Julho. Foram exibidas diversas figuras representativas da data comemorativa, e os alunos foram solicitados a dizerem o que vinha à mente quando eles pensavam na data. Todas as respostas foram listadas no quadro, e houve espaço para uma breve discussão a respeito das diferenças entre a comemoração de independência norte-americana e a brasileira, com constante apoio e encorajamento por parte dos professores para que os alunos usassem o inglês.

Então, partiu-se para a atividade promovida pelo ETA, uma apresentação de slides que deu conta de contextualizar historicamente a independência norte-americana, bem como de mostrar a comemoração na atualidade. Durante a apresentação, que contou com mapas, fotos e vídeos, houve espaço para que os alunos fizessem perguntas ao ETA – podendo, assim, praticar a formação de perguntas em inglês, outro conteúdo programático do curso – e entrassem em contato com a perspectiva dele enquanto norte-americano a respeito da data. Também foi pedido que os alunos fizessem anotações durante a apresentação, para uma atividade a ser realizada no final, momento no qual se pôde também trabalhar a habilidade de *note-taking* dos alunos. Como essa interação se deu entre alunos iniciantes de inglês e um falante nativo da língua, os professores desempenharam um papel de mediação ao ajudarem os alunos a fazer as perguntas que queriam e ao garantir que eles estavam acompanhando a fala do ETA. Ao final, o ETA trouxe perguntas aos alunos a respeito da própria apresentação, para as quais eles tiveram de recorrer às anotações que haviam feito previamente. No encerramento da aula, os alunos produziram o próprio *Pledge of Allegiance* (um juramento à bandeira, “Promessa de Fidelidade”, traduzido literalmente), depois de ler e ouvir o dos Estados Unidos. Nos momentos de intervalo, também foi possível verificar a interação entre os alunos das diferentes turmas, trocando as experiências que tiveram no curso.

A segunda e última aula abordada neste relato se deu ao final do curso que os professores estavam ministrando. Os alunos de ambos os professores haviam se mostrado empolgados com a união das turmas e com as atividades propostas em conjunto pelos professores e pelo ETA, e, portanto, com tal resposta positiva, os professores propuseram novamente a união das turmas para a última aula do curso. A ideia foi bem-recebida e os professores ministraram a aula em conjunto mais uma vez, com a participação de outro ETA. Como se tratava da última aula do curso, os docentes optaram por promover uma aula mais leve e descontraída, com uma confraternização entre as duas turmas e a utilização de jogos como incentivo para o uso de inglês por parte dos alunos.

Durante o encontro, os alunos se engajaram em jogos de adivinhação e de perguntas e respostas, para os quais eles tinham de recorrer aos conteúdos trabalhados durante o curso, por exemplo: fazer perguntas ao colega para tentar adivinhar uma palavra secreta, ou descrever um objeto sem nomeá-lo. Nesta aula, o ETA auxiliou os professores na mediação das atividades e contou aos alunos sobre o uso desses jogos nos Estados Unidos, já que eram tipicamente americanos. A atuação em conjunto dos dois professores também foi importante

para atender às várias necessidades que surgiram ao mesmo tempo, como coordenar mais de uma equipe de jogadores e responder às dúvidas de mais de um aluno. Além disso, constatou-se que a utilização de jogos também auxilia no processo de aprendizagem do inglês, visto que tais atividades lúdicas podem promover a interação, criatividade, motivação, autonomia, interesse, entre outros. O momento de finalização da aula ocorreu com uma conversa descontraída sobre o semestre transcorrido, a continuação de trocas culturais entre os alunos e o ETA, desta vez com os alunos ensinando expressões da língua portuguesa para o norte-americano, e uma confraternização de encerramento do curso.

## 5. Considerações finais

Com base nas práticas docentes que foram realizadas durante este período, pudemos perceber que é necessário que sejam constantemente elaboradas estratégias para enfrentar os obstáculos que possam surgir durante a caminhada de um educador. As estratégias elaboradas aqui não cobrem a totalidade de adversidades que podem acontecer numa sala de aula, mas podem auxiliar outros educadores que estejam na busca por ferramentas a serem utilizadas em suas práticas. De fato, questões que extrapolam o microcosmo da sala de aula, como a evasão dos alunos por motivos externos, não serão completamente solucionadas pela atuação conjunta dos professores, mas o *co-teaching* pode ajudar os docentes na medida em que contribui para contornar-se a consequência desses problemas, como turmas pouco numerosas. A docência compartilhada pode, ainda, auxiliar todos os agentes envolvidos, pois apresenta uma série de benefícios não apenas para o docente, como também para os alunos. Alguns dos benefícios são: planejamento conjunto de material didático, auxílio durante a realização de atividades, atenção ampliada para/com os alunos, e assim por diante.

Já a internacionalização pode facilitar possíveis trocas culturais futuras dos alunos com o mundo. Ao realizar atividades que promovam trocas culturais, os docentes estão ampliando as possibilidades de uso da língua adicional pelos discentes e oferecendo instrumentos para que o aluno possa interagir com as diversas culturas que o cercam. Dessa forma, a docência compartilhada se mostra como um meio de reunir os pilares que sustentam algumas das ideias centrais do IsF, uma vez que contribui para a formação de professores, com a atuação em equipe de professores menos e mais experientes, e para promover a internacionalização da universidade brasileira, com a presença dos ETAs. Esperamos, assim,

estender o convite à prática de *co-teaching* para os nossos colegas de NucLi e para os outros NucLis do país. A atividade docente apresenta as mais variadas problemáticas, e a atuação conjunta dos professores em sala de aula pode contribuir para que elas sejam solucionadas ou ao menos contornadas, promovendo a inovação constante do ensino de língua adicional.

### Referências Bibliográficas

ABELED, M. D. L. O. L.; FORTES, M. S.; GARCEZ, P. D. M.; SCHLATTER, M. 2014. Uma compreensão etnometodológica de aprendizagem e proficiência em língua adicional. **Trabalhos em linguística aplicada**. Campinas, SP, v. 53, n. 1 (jan./jun. 2014), p. 131-144

DIDIO, A. R. **Políticas Linguísticas voltadas para a internacionalização do ensino superior**: uma descrição do cenário atual da UFRGS. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Instituto de Letras. Porto Alegre, 2018.

NÓVOA, A. **Professores**: Imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

SILVA, T. G. **Inglês para quem?**: as implicações do Programa Inglês sem Fronteiras no processo de internacionalização da educação superior brasileira. 2018. 126 p. Dissertação (Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte) - Centro de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2018.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. Unidade 2 – A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009

VIAL, A. P. S. **“Um Everest que eu vou ter que atravessar”**: formação de professores para o ensino de inglês acadêmico no Programa Idiomas sem Fronteiras. 2017. 173 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

WELP, A. K. S.; FONTES, A. B. A. L.; SARMENTO, S. O Programa Inglês sem Fronteiras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. In: SARMENTO, S.; ABREU-E-LIMA, D. M.; MORAES FILHO, W. B. (Org). **Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras**: A construção de uma política linguística para a internacionalização. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, p. 125-147.